

# A PEROLA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás  
damas vimearanenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: **H. S. Carvalho**  
Redactor e Administrador,  
**Delphim G. S. G.**

OFFICINA DE IMPRESSÃO  
**MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE**  
**Guimarães**

9 de ABRIL de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis  
Numero avulso . . . . . 20 reis

Editor, **Gabriel Pereira de Mesquita**

## ESPHINGE.

Dedicado ás damas vimearanenses.

Correram de novo os seculos, e um dia de primavera chegou perto da esphinge um formoso mancebo com a cabeça coroada de flores. Vinha das frondosas margens do Nilo, e ia em peregrinação pela terra, sem mais desejo que o de amar e ser amado, compunha doces canções, deliciosos versos, que eram repetidos por todas as vozes juvenis de quantos amantes se detinham a escutal-o.

Como se a bocca fosse a d'um rouxinol, os accents que d'ella sabiam, eram os mais doces ao ouvido e os mais gratos ao coração; a sua misteriosa inspiração fazia estremecer as donzellas, sentindo em torno de si como que o dialecto de uma divindade.

Deteve-se o poeta em frente da esphinge, e então resoaram na sua mente as profeticas palavras do escultor:

«Só um palavra poderá commovel-a!»

Permaneceu largo tempo com a mente cheia de sonhos e o ritmo do coração apressorado. Subiu por fim por o plinto, e pouco a pouco foi ganhando as alturas do tronco de leão. Emparelhada já a sua cabeça coroada de flores, com a cabeça feminina da escultura, approximou a sua bocca do ouvido da esphinge, e murmurou docemente a palavra

**Amôr!**

A esphinge continuou immovel contemplando os immensos areas do deserto. Um véo de tristeza cobriu o juvenil e ardoroso rosto do poeta.

A palavra augusta que reinava em todas as suas canções e fazia estremecer o peito dos mancebos e as adolescentes que a ouviam, não era a palavra da esphinge.

Em suas entranhas de pedra não se tinha produzido ao ouvil a, a menor commoção. Desceu o poeta da colossal escultura, olhando com pesar a sua coroa de flores: e sem acompanhar o seu passo, como sempre acontecia, com o alegre e doce som dos seus cantares, foi-se afastando, afastando, não sem voltar a cada instante a cabeça para contemplar, ora triste, ora zangado, o monstro de durissimas entranhas que ouvia sem se commover. a palavra «amôr», unica que faz grata a vida e rouba luz ao ceu. E quando o seu formoso e juvenil corpo desapareceu no horisonte, a esphinge continuou immovel contemplando os immensos areas do deserto.

No deserto appareceu um sabio; traz largos annos de meditação e penitencia, para vencer a esphinge pronunciando ao seu ouvido a palavra magica.

Um aspero saial cobria o seu corpo quasi esqueletico e recequido pela febre da alma.

Que valia a gloria sonho de um sonho? Que valia o amôr, doçura de um instante? Palavras, que, apenas são proferidas logo são esquecidas!

Não era assim a sua, a palavra magica, profunda e eterna decifração das suas tenazes meditações, palavra tão cheia de Deus, que ao proferil-a tremiam os labios, e o sangue detinha o seu curso forinando remansos no mais fundo das entranhas.

Para alcançar a dita de pronuncial-a, tinha sacrificado á meditação e á penitencia toda a sua vida. Noventa annos sem amôr e sem gozo, perdido na solidão do deserto, olhando alto, mesmo entre o fragor das tempestades; sempre ansioso por a alcançar, sempre desejoso de a possuir, devorado por a febre do espirito, que nunca transige. E o sabio, tremendo mas decidido, approximou-se da colossal

escultura. Arrastando-se, e com mortaes fadigas, foi subindo por o seu tronco.

(CONTINUA)

REIS "O PEQUETO,"

## Bellezas da PRIMAVERA

A' Ex.<sup>ma</sup> Sra. L. T. Guimarães

Eu não conheço estação mais propria para me entreier com os amigos, do que esta em que agora estamos, na qual a primavera e a natureza mudam seu primeiro estado; ou seja nas horas em que um silencio universal pacifica o tumulto dos pensamentos, e restabelece um profundo silencio, ou nas horas em que a voz da alegria e do contentamento refinando nos ares, convida o homem a admirar as bellezas primaveris!...

E assim a belleza da quadra convidou-me a dar um passeio n'um dos dias da ultima semana e que foi com effeito, um dos mais agradaveis que se podem fazer.

A face do ceu tinha a variavel belleza da perspectiva, e estava semeada não de nuvens negras e espessas, mas sim de nuvens prateadas, ligeiras e fugitivas que rompem de quando em quando a magna intensidade de um sol continuo, que lança por intervallos deante da sua circumferencia, que deslumbra, um véo de sombras, que allivia e descança os ternos olhos.

Era meu companheiro n'este passeio um rapaz dotado de bons sentimentos e de um juizo livre, a quem não faltava a litteratura. Tinha ha muito tempo visto o mundo mas com olhos de philosopho, que sabe profundar as cousas e que não as julga só pelas apparencias.

Eu podia sem duvida, fallar com muita erudição sobre mil assumptos de importancia e dar a cada um noções muito uteis, assim como, quando eu quizesse passar das reflexões, ou do sentimento ao deleite de conversar, tinha commigo um honrado rapaz, com quem o podia aproveitar.

E assim caminhamos admirando a activa fecundidade da terra, as searas recém-nascidas, e a esparança dos novos thesouros, que os campos manifestavam por toda a parte.

Havia com effeito alguns dias antes que eu tinha posto os olhos sobre os campos, e nunca vi mais do que uma esteril extenção, sem algum ornato, ou signal gracioso ou aprazível!...

Mas n'este delirante passeio vi multidão de bellezas que me deixaram deveras admirado!...

Bellezas, que não tem uma donzella o rosto mais risonho e mais florido, nem a esposa mais ornada nem mais brilhante!...

(CONTINUA)

A. S. Carvalho

( ?!!! )

Seja nos permittido abrir um parenthesis nas vossas lides, para contemplar-mos um quadro tristissimo que se nos apresenta hoje á vista.

Vejamoss aquella mulher pallida, com as faces cavadas pela amargura, que chorando convulsivamente, vae andando cambaleante pelo pedregoso caminho que conduz ao cume do monte que temos em frente!

Aquelles soluços abafados, o pranto sempre vertente dos seus olhos formosissimos, e a maneira como ella levanta os braços ao céo, implorando a clemencia de Deus, mostram claramente que ella soffre muito, e que uma grande paixão a atormenta.

E assim recolhida á sua dôr ella lá vae seguindo monte acima, sem attender ás palavras de consolação que lhe dirigem outras mulheres que a seguem, talvez, quem sabe? porque o seu soffrimento será tão grande, que não hajam palavras, por mais ternas que sejam, capazes de lhe dar alivio!

Pobre filha ou infeliz esposa que decerto pranteias a morte d'um pae bondoso ou d'um marido dedicado!...

Mas, que sinistro cortejo será aquelle que vae dobrando a encosta do monte, por detraz d'aquelle penhasco, onde reluzem lanças, elmos e escudos de soldados?!...

Quem será aquelle homem vestido com uma tunica rôxa, com o rosto macerado e banhado em sangue que leva sobre seus hombros um pesado madeiro, e já extenuado pela fadiga e pelo sangue que per era, caminha muito a custo, cercado de soldados ferozes que o empurram, e a quem um soldado pucha, como se fosse um animal, por uma corda que lhe enlaça o pescoço e o suffoca?!...

Que crime haverá elle commettido para que assim tão ignominiosamente o conduzam ao logar do suplicio, açoutando-o constantemente?!

Será um ladrão, um assassino?!

Mas um ladrão ou um assassino blasphema contra Deus e solta imprecções contra os homens, e aquelle soffre pacientemente os mais duros ultrages sem se lhe ouvir um queixume, caminhando com a resignação d'um martyr e mostrando no semblante a candura da innocencia.

A mulher que o segue, que sem duvida é sua mãe, lá vae chorando com os olhos fitos no ceu como se uma estrella guiasse os passos de seu filho, e, mostrando confiança em Deus, curte em segredo as suas maguas, comprimindo o coração que se lhe dilacera de dôr.

Não é portanto um criminoso, mas um justo que vão crucificar, porque só um justo pode caminhar para a morte com tanta serenidade como aquelle que estamos vendo.

Mas porque te condemnaram oh martyr que tanto soffres, e quem és tu oh mãe afflicta que tanto choras a morte de teu filho?

Esse olhar compassivo que nos volves, mãe admiravel, revela-nos a pureza da tua alma, a bondade do teu coração e o motivo da morte de teu filho!

Morre por prégear uma doutrina de Verdade e de Justiça, mas vel-o-emos sentado á direita de Deus seu angusto Pae, e tu que hoje padeces tantas dores e tantos tormentos, serás cantada e louvada por todas as gerações.

Bemditas sejam, pois, as tuas lagrimas, Virgem Mãe de Jezus Crucificado.

ANONASOJOR

## Ultimo Adeus.

Offerecido á Sqr.a D. M. C. C. M. R.

Bem sei, bem, que foste assassínada  
Pela benigna mão d'um Deus sublime;  
Mas, se elle é Deus e eu verme, è tudo e eu nada.  
Como queixar-me do espantoso crime!

Guilherme Braga. (1)

Quería, dizer mais ainda, linda creança.  
Quería gritar bem alto e dizer como o poeta acima

(1) Que mal fazias tu, filha innocente,  
Ao magnanimo Deus, ao Deus angusto?  
Elle que é bom, matou-te lentamente,  
Deu-te um suplicio atroz, Elle, que é justo.

Acaso lhe terias feito mal, para te levar d'este mundo, tu que eras ainda innocente, que eras linda, que eras esbelta como uma rainha? Não. E se lhe não fazias mal, qual a razão por que tão cedo te levou? Não sei. Em todo o caso, não merecias que te roubassem tão depressa aos carinhos dos teus, que te adoram, muito embora fosses gosar, sem pedires, aquillo que muitos ambicionamos.

Então era melhor não teres nascido, porque não deixarias petrificados por a saudade infinda, esses que te amavam.

Quando morres-te, quiz offerecer-te como ultimo adeus, um pequeno ramo de flores; mas, eras mais bella que qualquer d'ellas e por isso mesmo tornavam-se indignas de te acompanharem.

Eu mesmo pensei que terias isso como uma offensa e portanto desisti.

Quiz tambem gritar, lançando injurias á providencia, mas os soluços suffocavam-me, obrigando-me a calar commigo, essa dôr terrivel, desesperadora.

Hoje, que a dôr está mais branda, aproveito a occasião para offertar-te, creança linda, como «ultimo adeus», estas poucas palavras sinceras, que são um nada do que tu eras, e um pallido reflexo do que é a minha dôr.

Mas acima da minha, eu creio que ha ainda dôr mais intensa . . . a de mãe.

E parece-me até que a estou ouvindo dizer:

(1) Hei-de orar! Mas na sombra da consciencia  
Não me luzem cá dentro ignotos brilhos...  
Hei-de crer? Mas a mão da Providencia  
Tem garras para mim . . rouba-me os filhos!

Guimarães-20-2-904.

Jorge Cruz. (Reis "O Pequeno,"

(1) Soneto de Guilherme Braga, publicado na "Ala Moderna," de 10 de Novembro de 1903.

## AMOR DE MULHER.

Conclusão



Chegou finalmente o dia.

Ella depois de se balançar durante algumas horas entre a vida e a morte, atirou-me aos braços com um pequenino ser, uma menina que vinha, na sua inconsciencia de recém-nascido tornar mais insupportavel ainda aquella vida monotona de pae de familia.

Depuz, não sei bem como, um beijo mysterioso na fronte d'aquella creança que era minha filha e a quem eu não amava . . .

Depois, uma noite, na vespera do baptisado resolvi pôr finalmente em practica o meu ultimo projecto de *que'ra*.

Metti dentro d'um envelope um masso de notas bancarias e uma carta, muito laconica em que lhe fazia terminante e formalmente as minhas despedidas e . . . abalei para Lisboa.

Passados dois annos voltei. Encontrei sobre a minha banca de trabalho uma carta bastante volumosa: abria. Continha, intacta a quantia por mim enviada á minha ex-amante e uma carta d'ella . . . que não li . . .

Indaguei depois qual fora o seu destino e soube que morrera, accidentalmente afogada, no dia seguinte ao da minha partida, o dia destinado para a festa do baptisado . . .

—E a tua filha?

—Nunca tive noticias d'ella . . .

—Nem as procuras-te . . .

—Oh se procurei! Tenho gasto em pesquisas todo o resto da minha vida . . .

E tirando o chapéu:

—Vez estes cabellos brancos? Tenho 36 annos! Ha 18 que perdi minha filha e 16 que envelheço a busca-la . . .

—Miseravel!

—Miseravel, desgraçado, sim! Infame fui-o durante um momento, mas repara que tenho pago bem cara a minha fraqueza de então; deoito annos d'uma vida de incertezas, de duvidas, de perplexidades; deoito annos durante os quaes mil vezes em cada dia busco nas feições de todas essas desgraçadas que topo no meu caminho, um traço physionomico que, n'uma semelhança vaga com a minha amante, me indique a minha filha . . .

Deoito annos de inferno e Deus sabe quantos mais . . .

Tinha-se fechado a noite, uma noite formosa e povoada de milhões d'estrellas luminosas e lindas, outras tantas almas do ceu espreitam

as desventuras d'esta lama chamada homem.  
E os dois amigos seguiram silenciosos e pensativos no seu passeiar monotono e constante.  
Março de 1905.

λ λ.

OS CANTICOS DA MENDIGA ❀ ❀

Hoje é pobre e já foi poderosa,  
Já a sêda arrastou por essas ruas  
Com louca ufanía!  
Quando á porta os mendigos lhe batiam  
Dava-lhes esmolas, pão e abrigo,  
Bendosa os soccorria!

A sorle a prostou na extrema miseria,  
Ao abysmo da fome a jaculou,  
A' negra desventura!  
Soccorrei a irmãos, por caridade,  
Até que ella deixe este mundo vil,  
Baixe á sepultura.

Aqui calou-se pensativa, limpando duas grossas lagrymas que deslisavam pelas suas faces mimosas, lagrimas bemditas, perolas do coração.

Instantes depois encostou a loira cabeça no hombro da sua velhinha protectora, e adormeceu, sonhando sonhos doirados e de rosas, e cantando em todos, os «Canticos da mendiga».

Delfim G. da S G



AS MINHAS ILLUSÕES

(Inedito)

(Escripto para ser offerecido á Ex. Senhora D. Luiza G.)

I

Depois de um esplendido dia, o sol estava prestes a envolver-se no seu manto de ouro e purpura. O astro de luz enviava uma derradeira caricia, um ultimo sorriso á grande e formosa Natureza, e as flores e as arvores, mostrando uma côr já mais sombria, e levemente agitadas ao sabor da brisa da tarde, pareciam despedirem-se do sol.

Chegara o primeiro momento do crepusculo, a suave claridade, que tão docemente se vae apagando e fundindo nas sombras da noite.

Algumas estrellas mais vaidosas appareciam já aqui e ali no limpido azul do espaço.

Ao longe a pouco e pouco a linha das montanhas. O horisonte estava tambem aqui e ali povoado por uns vapores brancos, em que reluziam ainda uns pequenos clarões phosphorescentes.

As aves soltavam os ultimos gritos de despedida ao astro rutilante, e escondiam-se entre a folhagem; as borboletas aconchegavam-se para passarem a noite na corolla das flores.

Haviam descido sobre a terra as sombras da noite. O firmamento, marchetado de estrellas rutilantes, brilhava com irradiações sem numero. O ar estava impregnado de penetrantes perfumes. A lua lançava por sobre a pittoresca e agreste paisagem o seu doce clarão.

Quando algumas horas mais tarde na muhez sepulchral do meu quarto, o meu espirito, entregue a si mesmo, eu deixo o meu pensamento voar na amplidão. O seu vulto airoso, d'uma singeleza provocante, vem povoar-me a imaginação de mil imagens bellas.

Senhora! O vosso vulto formoso, envolto sempre no manto diaphano de virgem pura, tem para mim um poema!

(Continua)

Albertino R. B.



A louca de Brito

V

O dia 24 de abril despontou sorrindo ás multicôres florinhas, que, vergadas para o sólo, dormiam, acalentadas pelas gottas do chrystallino rocio que, caído do infinito espaço, vinha humildemente, ternamente, oscular-lhes as petalas, com beijos sedentos d'amôr.

Os passaritos, saltitando de arvore em arvore, de ramo em ramo, cantavam canções maviosas e alegres.

Tudo era amôr, vida e poesia.

Em um regatosinho que gemia saudações amorosas ás pequeninas hervas que lhes beijavam ardentemente as margens, a linda Leonôr, a fada encantadora, a deusa das mulheres formosas do ridente Minho, lavava algumas peças de roupa, erguendo, de vez em quando, ao espaço uma quadra improvisada, e toda dedicada ao seu querido Julio.

Leonôr bate alegre a roupa ensaboada na alva pedra que lhe serve de lavadoiro, canta com mimo e ternura, e não vê um rapaz imberbe, por detraz d'uma parede a espreital-a, com o seio a arfar-lhe, louco talvez de amôr...

De repente duas quadras que ella canta faz estromer violentamente o desconhecido, o qual recua um passo boquiaberto, espumando rai-va e enclavinhando horriavelmente os dedos das suas colossas mãos.

Eis o que Leonôr cantou:

«Só a tí, Julio, eu amo,  
Só p'ra tí é o meu amôr...  
Porisso amar me has-de,  
—Ama a tua Leonôr...»

«Quando o padre nos unir  
C'os laços do hymeneu,  
Eu com orgulho direi:  
—Eu sou tua e tu és meu!...»

Rodolpho, porque é elle que a espreita, serena um pouco, lança um olhar desconfiado em volta de si, e encaminha-se apressado para ella.

(Continua)

Delfim Guimarães